**Uma imagem com planta, flor, Spathiphyllum, Alismatales

Os conteúdos gerados por IA podem estar incorretos.**

**RITOS INICIAIS**

**Procissão de entrada | Cântico de Entrada | Saudação inicial | Monição Inicial**

P.Peregrinos da Cidade Santa, peregrinos de esperança, exultamos de alegria ao entrar na Casa do Senhor. Aqui experimentamos a ternura de Deus, no coração da Igreja, nossa mãe. Aqui procuramos e encontramos a Paz que vem de Deus e que Cristo nos oferece, colocando-Se no meio de nós. Preparemos o nosso coração, porque precisamos de construir a paz a partir de nós mesmos, pacificando o nosso coração, retirando dele todo o ódio, todo o ressentimento, toda o desejo de vingança, que ali lançam as suas raízes.

**Ato Penitencial**

P. Senhor, pela violência das palavras, que matam e ferem, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, pelos gestos de violência, de intolerância, que destroem sonhos, vidas e famílias inteiras, Cristo, tende piedade de nós!

R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, pela loucura da guerra, que não tem distância e pela tentação ilusória do rearmamento que não é solução, Senhor tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

**Hino do Glória || Oração Coleta**

**LITURGIA DA PALAVRA**

**Homilia no XIV Domingo Comum C 2025**

1. A Liturgia deste domingo é um Hino de louvor à Paz. “*Farei correr para Jerusalém a paz como um rio*”, escutávamos na 1.ª leitura (cf. Is 66,10-14)! No Evangelho, ressoa-nos, como bela melodia, aquela saudação que Jesus recomendava aos discípulos, “*quando entrardes em alguma coisa, dizei «Paz a esta casa»*” (Lc 10,5). São Paulo, na 2.ª leitura, deixava-nos um voto final, de “*paz e misericórdia*” para quantos põe a sua confiança na Cruz do Senhor. Como desejaríamos nós sermos estes ‘*filhos da paz’* (Lc 10,6), esta gente de Paz, sobre quem repousa e se difunde a Paz de Cristo.

2. Demasiadas vezes pensamos na Paz, como mera ausência de guerra e de conflito. A Paz, que traduz o termo hebraico *shalom*, na sua raiz, é bem mais do que isso: significa *integridade*, *totalidade*, e por isso a Paz, na linguagem bíblica, é a síntese ou a plenitude de todos os bens, é a felicidade de quem, mesmo no meio de lobos e dificuldades, vive em Paz, porque se confia às mãos de Deus, como um filho ao colo de sua mãe. Essa é a *Paz*, por que justamente anseia o nosso coração.

3. Na perspetiva cristã, a paz é, principalmente, um dom: o primeiro dom de Cristo: «Dou-vos a minha paz» (Jo 14, 27). No entanto, essa paz é um dom ativo e envolvente, que compromete cada um de nós e exige, sobretudo, um trabalho de pacificação de si mesmo. A paz constrói-se sempre no coração e a partir do coração, erradicando o orgulho e as pretensões, e cuidando da linguagem, pois também com as palavras se pode ferir e matar” (Leão XIV, Discurso, 16.05.2025). Quantas vezes, nas nossas comunidades cristãs, semeamos a desordem e o conflito, porque ouvimos alguma coisa de alguém e vamos logo contar a outra pessoa, com uma versão distorcida e ampliada “*O mundo das murmurações, feito por pessoas que se dedicam a criticar e a destruir, não constrói a paz*” (GE 87). Por isso, o Papa Leão XI insistiu na necessidade de desarmar as palavras, para desarmar a Terra. Esta Paz, *dom de Deus*, é fruto de um trabalho artesanal, “*requer serenidade, criatividade, sensibilidade e destreza*” (GE 89).

Entre os pontos 4 e 5, pode optar-se apenas por um.

4. Queridos irmãos e irmãs: há demasiada violência, há demasiada agressividade, nas nossas sociedades, nas nossas escolas, e até nas nossas famílias. Pratiquemos a não-violência como método e como estilo de vida (Leão XIV, Discurso, 30.05.2025). É nossa missão semearmos, construirmos e contagiarmos a Paz. A começar pela **relação conjugal,** entre *marido e esposa*, enviados «*dois a dois*», os quais nunca se deitarão sem fazer as pazes! A começar pela **nossa família**, onde não faltem carícias, confortos e consolações e as boas palavras que constroem a Paz: *por favor, desculpa e obrigado*. A começar, pela nossa **comunidade paroquial**, que deve tornar-se uma casa de Paz, onde aprendamos a acalmar a hostilidade por meio do diálogo, onde a justiça seja praticada e o perdão seja preservado (Leão XIV, Discurso,17.06.2025). Sejam a nossa Casa comum, a nossa casa de família e a nossa comunidade paroquial, um verdadeiro oásis de Paz, feita por *gente de Paz*. “*Paz e misericórdia para quantos seguirem esta norma*” (*Gl* 6,16)!

5. Irmãos e irmãs: estamos no primeiro domingo de julho e, por certo, todos pensamos já nas férias, como um passaporte para a Paz. Cuidado, porém, com a tentação de procuramos aquela paz comprada, que não passa de uma *anestesia* para calar a nossa dor de alma, ou de uma *bolha* que nos imuniza aos ruídos da guerra, ou de um *paraíso artificial*, onde nos pomos *a milhas* de um *mundo virtual* sem problemas nem conflitos. Quantas vezes, nestes dias, não nos assaltará a tentação de nos ‘*desligarmos*’, das terríveis notícias da guerra, como quem diz: «*deixem-me em paz*». E então a paz deixa de ser um «*estar bem e de bem»*, para se tornar simplesmente um *bem-estar* individual e egoísta, um refúgio confortável, uma paz de poucos para poucos, uma paz efémera para uma minoria feliz. Esta não é Paz que o Senhor nos dá e nos pede. Queiramos aquela Paz que vem de Deus, aquela Paz de quem se confia às suas mãos, aquela paz que nos vem deste encontro com o Senhor, e que experimentamos em cada Eucaristia. Na Eucaristia, Jesus rompe as portas fechadas dos nossos corações desassossegados e divididos, coloca-se no meio de nós, diz-nos e dá-nos a Sua Paz: «*A paz esteja convosco*» (Jo 20,19.26).

**Oração dos Fiéis**

P. Irmãos e irmãs: como verdadeira Mãe, a Igreja sabe pedir, bater a todas as portas e sobretudo à porta do Coração de Deus, pelos seus filhos, a fim de alcançarem a Paz. Confiemos na força da oração da Mãe Igreja, que sabe pôr-nos nas mãos de Deus:

1. Pela Santa Igreja: para que seja uma Mãe de coração aberto, capaz de gerar e regenerar os seus filhos e de os guiar e fazer crescer, como filhos da Paz. Oremos, irmãos.

2. Pelos que vão ser ordenados diáconos e presbítero, no próximo domingo: para que sejam verdadeiros discípulos missionários e façam da alegria do Evangelho a sua missão. Oremos, irmãos.

3. Pelos que governam: para que promovam uma cultura do diálogo, da tolerância, do respeito pela diferença, para construirmos todos juntos um mundo de Paz. Oremos, irmãos.

4. Pelas vítimas da guerra e de todas as formas de violência doméstica: para que sejam acolhidas, escutadas, compreendidas e curadas por palavras e gestos de apoio, de proteção, de ternura e de consolação. Oremos, irmãos.

5. Por todos nós e pela nossa comunidade paroquial: para que se torne uma “casa de paz”, onde aprendamos a acalmar a hostilidade por meio do diálogo, onde a justiça seja praticada e o perdão seja preservado. Oremos, irmãos.

P. Senhor, nosso Deus, Deus da paz e rico em misericórdia, que tendes os nossos nomes inscritos no vosso coração: ensinai-nos a ser homens e mulheres de paz num caminho humilde, feito de gestos diários, que entrelaçam paciência e coragem, escuta e ação, não violência e perdão, à imagem do Vosso Filho, que é Deus e convosco vive e reina na unidade do Espírito Santo, pelos séculos dos séculos.

R. Ámen.

**LITURGIA EUCARÍSTICA**

Apresentação dos dons | Cântico de Ofertório | Oração sobre as oblatas | Prefácio Comum IX e Oração Eucarística II ou Oração Eucarística V-3 com Prefácio próprio | Ritos da Comunhão:

**Pai-Nosso:** Ninguém pode ter a Deus como Pai, se não tem a Igreja por Mãe. Pai-Nosso: Ninguém pode ter a Deus como Pai, se não tem a Igreja por Mãe. Como filhos do Deus da Paz, ousamos rezar:

**Rito da Paz:** Que cada comunidade se torne uma “casa de paz”, onde aprendamos a acalmar a hostilidade por meio do diálogo, onde a justiça seja praticada e o perdão seja preservado. A paz não é uma utopia espiritual: é um caminho humilde, feito de gestos diários, que entrelaçam paciência e coragem, escuta e ação. E que hoje, mais do que nunca, exige a nossa presença vigilante e geradora (Leão XIV, Discurso, 17.06.2025). Paz e misericórdia! Sejam estes os frutos do gesto que trocamos. Saudai-vos na Paz de Cristo.

**Distribuição da Comunhão | Cântico de Comunhão | Oração pós-comunhão**

**RITOS FINAIS**

**Agenda Pastoral Senhora da Hora**

1. Missas vespertinas, aos sábados, em julho, às 19h00. Próximo sábado, dia 12, é exceção: às 15h00 no Parque das Sete Bicas, para comemorar o 25.º aniversário do Agrupamento 521. Mantêm-se em Julho, aos domingos, Missas às 11h00 e às 19h00. Em Guifões, por regra, aos sábados, na Igreja Matriz, às 17h30. Aos domingos, na Igreja da Sagrada Família, às 09h00.
2. Sexta-feira, dia 11, às 21h00, **Assembleia Paroquial**, com todos os colaboradores dos diversos grupos pastorais, para avaliação prospetiva do ano pastoral. Colaboradores devem refletir ficha de avaliação, que lhes foi enviada.
3. **Inscrições na Catequese até 31 de julho:**

**1)** das crianças batizadas e não batizadas, nascidas em 2019 para o 1.º ano;

**2)** dos que desejam frequentar pela primeira vez a catequese, em qualquer idade. Apresentar cartão de cidadão ou certidão de nascimento, comprovativo do batismo (se for o caso) e contribuição de 15 euros. Dos que já frequentam a Catequese, presume-se a renovação da inscrição, se não for dito nada em contrário. A catequese de 2025-2026 deverá começar a 18 de outubro para o 1.º ano e a 11 de outubro, para os restantes anos.

1. **Peregrinação diocesana a Fátima, 20 de setembro**. Se forem, por meios próprios, devem dar informação à Paróquia, até ao dia 30 de julho, para receberem depois um kit. Se pretenderem ir de autocarro, contratado pela Paróquia, devem inscrever-se atempadamente, até ao dia 15 de julho, e pagar a respetiva inscrição: 15 euros para os catequizandos; 20 € para os demais.
2. **Domingo, dia 13 de julho, às 16h00, na Sé do Porto**, serão ordenados três sacerdotes, dos quais um sacerdote um jovem é proveniente de São Mamede de Infesta. É a grande festa da família diocesana. Rezemos por eles e participemos na Festa.

**Bênção**

**Despedida**

P. Construtores da Paz, peregrinos de esperança, ide em paz e que o Senhor vos acompanhe.

Diácono:

R.Graças a Deus**.**

**ORAÇÃO PARA A BÊNÇÃO DA MESA**

**XIV DOMINGO COMUM C | 6.7.2025**

Senhor da Messe e do Reino,

abençoai a nossa mesa

e aqueles que a prepararam.

Fazei repousar sobre todos nós

o Espírito da Vossa Paz.

Que esta Paz permaneça em nós

e irradie a partir da nossa casa,

como um grande rio de alegria,

de amor, de paz e de misericórdia.

Ámen.

**OUTROS TEXTOS E HOMILIAS**

**XIV DOMINGO COMUM C**

**Homilia no XIV Domingo Comum C 2022**

1. Nos últimos tempos, não resisto a fixar e a sublinhar a palavra *Paz*, sempre que ela aparece nos textos bíblicos, proclamados na Liturgia. E hoje é tão bela aquela promessa da Paz para Jerusalém, a Paz que há de correr como um rio (cf. Is 66,10-14)! E ressoa-nos, como bela melodia, aquela saudação que Jesus recomenda aos discípulos: «*Paz a esta casa*» (Lc 10,5). Como desejaríamos nós sermos estes ‘*filhos da paz’* (Lc 10,6), esta gente de Paz, sobre quem repousa e se difunde a Paz de Cristo.

2. Esta Paz não se reduz a uma simples ausência de problemas ou de conflitos. A Paz, que traduz o termo hebraico *shalom*, na sua raiz, significa *integridade*, *totalidade*, e por isso a Paz, na linguagem bíblica, é a síntese ou a plenitude de todos os bens, é a felicidade de quem, mesmo no meio de lobos e dificuldades, vive em Paz, porque se confia às mãos de Deus, como um filho ao colo de sua mãe. Essa é a *Paz*, por que justamente anseia o nosso coração, tanto mais quanto todos os dias as imagens da Guerra na Ucrânia nos ferem, ora de raiva, ora de tristeza e de angústia. Antes de tudo, e na origem de qualquer paz individual ou social, está esta confiança firme de que todos somos acreditados, esperados e amados por Deus, apesar dos nossos erros e contradições. Todos podemos viver em amizade e reconciliados com Ele. Por isso, escreve São Paulo sobre o que é realmente mais decisivo: «*Estamos em Paz com Deus*» (Rm 5,1). Receber a Paz de Deus, guardá-la fielmente no coração, mantê-la no meio dos conflitos e contagiá-la aos outros exige um esforço apaixonado, não fácil, de unificar e enraizar toda a nossa vida em Deus, o Deus da Paz, o Pai de todos, que a todos nos faz irmãos.

3. Por isso, esta Paz, *dom de Deus*, também é fruto de um trabalho artesanal, “*que requer serenidade, criatividade, sensibilidade e destreza*” (GE 89). De pouco nos vale desejar a Paz *lá longe*, se não a semeamos em nossa casa, com as pessoas da nossa família e das nossas relações mais próximas. O desafio é procurarmos juntamente com todos (2 Tm 2,22) aquilo que leva à Paz (Rm 14,19). Tantas vezes, pelo contrário, queremos uma paz à custa da eliminação do inimigo, uma paz que leve para longe os que não nos interessam, por serem diferentes de nós ou de temperamento mais difícil. Sem nos darmos conta, os desejos de vingança sobre o inimigo – o desejo da morte de Putim, só para dar um exemplo – tais desejos *matam* o cordeiro manso que devíamos deixar crescer dentro de nós e alimentam *o lobo* feroz que também se faz hóspede em nós. Quantas vezes semeamos a desordem e o conflito, porque ouvimos alguma coisa de alguém e vamos logo contar a outra pessoa, com uma versão distorcida e ampliada. «*A difamação e a calúnia são comparáveis a um ato terrorista: atira-se a bomba, destrói-se e o terrorista segue o seu caminho feliz e tranquilo* (GE 87 e nota 73). “*O mundo das murmurações, feito por pessoas que se dedicam a criticar e a destruir, não constrói a paz*” (GE 87).

4. Irmãos e irmãs: estamos no primeiro domingo de julho e, por certo, todos pensamos já nas férias, como um passaporte para a Paz. Cuidado, porém, com a tentação de procuramos aquela paz comprada, que não passa de uma *anestesia* para calar a nossa dor de alma, ou de uma *bolha* que nos imuniza aos ruídos da guerra, ou de um *paraíso artificial*, onde nos pomos *a milhas* de um *mundo virtual* sem problemas nem conflitos. Quantas vezes, nestes dias, não nos assaltará a tentação de nos ‘*desligarmos*’, das terríveis notícias da guerra, como quem diz: «*deixem-me em paz*». E então a paz deixa de ser um «*estar bem e de bem»*, para se tornar simplesmente um *bem-estar* individual e egoísta, um refúgio confortável, uma paz de poucos para poucos, uma paz efémera para uma minoria feliz. Esta não é Paz que o Senhor nos dá e nos pede.

**5.** É nossa missão semearmos, construirmos e contagiarmos a Paz. A começar pela relação conjugal, entre *marido e esposa*, enviados «*dois a dois*», os quais nunca se deitarão sem fazer as pazes! A começar pela nossa casa, pela nossa família, onde não faltem as carícias, confortos e consolações e as palavras que constroem a Paz: *por favor, desculpa e obrigado.* Seja a nossa comunidade um oásis de Paz, feita por *gente de Paz*. “*Paz e misericórdia para quantos seguirem esta norma*” (*Gl* 6,16)!

**Homilia no XIV Domingo Comum C 2019**

1. Estamos praticamente a concluir o Ano Pastoral 2018/2019, no contexto nacional do Ano Missionário, que terá o seu auge na celebração do próximo “*Outubro Missionário Extraordinário*”. Temos vindo a refletir, com insistência, na implicação do nosso desafio pastoral diocesano “Todos discípulos missionários”. Como se percebe do envio dos 72 discípulos, esta missão não diz respeito apenas aos 12 Apóstolos, mas a todos os discípulos, a todos os batizados; é missão universal, que nos envia a todos os lugares e ambientes, ao encontro de todas as pessoas e não apenas daquelas que nos procuram. Esta missão não é, por isso, facultativa, não é uma segunda vocação, um adorno, um adereço. É marca de origem do cristão. Não há meio-termo, não há discípulos missionários a «meias», a «meio gás», «por tempo determinado». Todos, tudo e sempre em missão!

2. Em final de ano pastoral, aproveito a inspiração do Evangelho para vos propor um breve *Decálogo para uma Paróquia missionária*:

1. Promover e facilitar o mais amplamente possível a experiência fundamental da alegria do encontro com Cristo, seja na Catequese, na Liturgia, na Caridade, na Oração ou no encontro dialogal e pessoal com os outros.
2. Cuidar da hospitalidade: acolher e alcançar a todos, a começar pelos que nos batem à porta. Precisamos de criar equipas de acolhimento, não apenas para manter abertas as portas das igrejas, mas para acolher e integrar os que participam, ocasionalmente, como estranhos ou espectadores, nas celebrações do Batismo, do Matrimónio, do 7.º dia, das festas da Catequese. Mas não esqueçamos os diferentes, os indiferentes, os mais distantes, os imigrantes.
3. Promover um bom acolhimento, na secretaria e em todos os serviços paroquiais, com empatia e simpatia, com horários adaptados à realidade e às necessidades. Trata-se de acolher com alegria e simpatia. Mas também de propor com exigência e realismo, dentro do bem possível a cada pessoa.
4. Dar absoluta prioridade ao domingo e à Eucaristia dominical. Despertar a comoção pela beleza da celebração. É fundamental fidelizar a nossa prática dominical e a pertença à comunidade. Com uma participação intermitente, inconstante, não se pode criar raízes na vida e na comunidade cristãs.
5. Abrir largas avenidas de beleza no acesso a Deus. As diversas artes, da pintura à literatura, da música ao teatro, são caminhos para quem tem sede de Deus.
6. Edificar uma comunidade familiar, onde haja verdadeira fraternidade, clima de festa, alegria do convívio, experiência de comunhão, de modo que a Paróquia se torne verdadeira família de famílias.
7. Descobrir, apreciar e promover os talentos de cada pessoa, a começar por aquelas que não *conhecem os cantos da casa*.
8. Dar maior protagonismo aos leigos, na Igreja e no mundo; é preciso superar o clericalismo dos que dizem e pensam “*o senhor padre é que sabe; o senhor padre é que manda*” ou dos que se refugiam na sacristia, descomprometendo-se com o mundo, seu lugar específico de missão. É preciso assumir a corresponsabilidade de cada um na missão que é de todos.
9. Converter-se numa Igreja que sai para a rua, que toma a iniciativa, que convida e envolve, mesmo aqueles que julgamos *não querer nada com nada*. Tenhamos a ousadia da proposta: “*Vinde e vede*” (*Jo* 1,39), para que, fazendo uma experiência bela e feliz, queiram aprofundar a sua fé e caminhar connosco.
10. Assumir o lugar privilegiado dos pobres e o imperativo evangélico no cuidado da fragilidade, de modo que os feridos da vida sintam a Igreja como sua casa e nós descubramos a sua casa como primeiro lugar da Igreja.

A esta luz, cada um examine-se sobre o contributo que tem dado e que é chamado a dar. Face às exigências do discípulo e do mundo, só há mesmo uma alternativa: *ou missão ou demissão cristã* (Madeleine Delbrêl)!

**Homilia no XIV Domingo Comum C 2019 – Missa da Bênção dos Noivos**

**Domingo, 19h00**

*“Enviou-os dois a dois à sua frente”* (*Lc* 10,1)!

1. A tática do Mestre, para apoiar o seu «*Doze*» inicial, já em campo, sem falhas na defesa nem desperdícios no ataque, é começar por fazer grupos de dois numa claque de 72 adeptos. Quer dizer, para chegar a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir, Jesus recomenda aos discípulos que comecem por «*jogar em casa*», procurando, sempre que possível, e em primeiro lugar, chegar a essa “*grande área*” da vida de cada um, que é a família. Porque é afinal aí que tudo se joga e tudo se decide. É a família o *grande campo de treinos*, das atitudes e dos valores, da vida em sociedade e em Igreja, em que se exercitam e se capacitam os filhos para as lutas, combates e compromissos decisivos da vida.

2. Por isso, diz o Papa, “*a família é o hospital mais próximo*” (Papa Francisco, *Audiência*, 10.06.2015, cit. AL 321) onde se cuida de um doente, “*é a primeira escola das crianças, é o grupo de referência imprescindível para os jovens, é o melhor lar para os idosos. A família também forma uma pequena Igreja – chamamo-la «Igreja doméstica» – que, juntamente com a vida, canaliza a ternura e a misericórdia divina. Na família, a fé mistura-se com o leite materno: experimentando o amor dos pais, sente-se mais perto do amor de Deus*” (Papa Francisco, *Homilia*, 06.07.2015). Em casa, o testemunho da *caridade conjugal* dos pais torna-se sinal e testemunho do amor de Deus, do amor de Cristo à sua Igreja.

3. Podíamos deduzir daqui, que a tática pastoral de Jesus nos sugere, em primeiro lugar, a importância da união e do testemunho do *par conjugal*, enviado em missão, a par da relevância da casa ou da família como primeiro campo desse *feliz anúncio*. E a família evangeliza através da prática simples de uma oração, que muitas vezes é simplesmente ensinar os filhos a mandar um beijo a Jesus ou a Nossa Senhora (cf. AL 287), através do contacto familiar com a Palavra de Deus, através da participação na vida da comunidade cristã. Mas, acima de tudo, não o esqueçais: a própria experiência do amor que une os dois, homem e mulher, e faz dos dois uma só existência, é o primeiro anúncio do amor de Deus, daquele “amor que Deus nos tem” (*1 Jo* 4,16). É preciso, por isso, cuidar deste amor conjugal, para que esse amor seja a primeira imagem e a primeira mensagem de Deus aos filhos.

4. É, por isso, que a *tática* de Jesus está certa. A vitória da Igreja em campo, na vasta competição do mundo, joga-se afinal *em casa*. Dois a dois, que começam por passar a bola um ao outro e estes passam-na aos filhos, de modo que toda a família se torne sujeito pastoral e protagonista da evangelização (cf. AL 290). Há que «val*orizar os casais, as mães e os pais como sujeitos ativos da catequese*” (AL 287). Quanto mais ajudarem os seus filhos a crescer na fé, mais crescerão com eles.

5. Caríssimos noivos, caríssimos casais: abraçai, com alegria, este sonho de Deus, de construir convosco uma família cristã; tende “a *coragem de sonhar com Ele, a coragem de construir com Ele, a coragem de unir-se a Ele nesta história, para construir um mundo onde ninguém se sinta só*” (AL 321).

Aceitai este desafio, esta missão, convictos de nunca estareis sós: o amor do Pai sustentar-vos-á e far-vos-á crescer no amor; Cristo, com o seu dom total, na Cruz, está vivo e permanecerá convosco, ora à vossa frente para vos abrir caminho, ora no vosso meio para vos consolidar na unidade, ora atrás de vós para vos «empurrar» quando a coisa «emperrar»; o seu Espírito Santo tornar-vos-á capazes de enfrentar, unidos, todas as tempestades em todas as etapas da vida (cf. AL 290). O Senhor conta convosco. Contai sempre com Ele. Ele vos encha da sua Paz e da sua misericórdia.

**SÍNTESE EM FORMA DE DECÁLOGO**

**PARA UMA PARÓQUIA MISSIONÁRIA**

Por fim, e em jeito de síntese, permiti-me enunciar um decálogo para uma Paróquia missionária, para vos propor uma espécie de decálogo de valores, a potenciar na cultura da comunidade paroquial. Socorro-me da leitura de um sugestivo livro de James Mallon[[1]](#footnote-1) sobre a conversão missionária das paróquias, e que propus como desafio do plano pastoral da paróquia da Senhora da Hora.

1. ***Promover e facilitar a experiência fundamental da alegria do encontro com Cristo, que nos atrai para o Pai e nos dá a graça do Espírito Santo, que nos santifica, anima e envia em missão.*** Na verdade, na missão que somos, “*nenhuma motivação será suficiente se não arder nos corações o fogo do Espírito*” (EG 261). Não basta renovar horários e calendários, métodos pastorais, linguagens e expressões da fé e da missão, se não cuidarmos de reacender o ardor da santidade. A vocação universal à missão “todos discípulos missionários” brota da vocação universal à santidade. Pelo que “*não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade* (GE 19). “*A santidade é o rosto mas belo da Igreja*” (GE 9) e é o que de melhor temos a oferecer para a transformação do mundo.
2. ***Cuidar da hospitalidade: acolher e alcançar a todos, a começar pelos mais distantes e estrangeiros. Criar equipas de acolhimento.*** Comecemos por acolher bem nas nossas celebrações. Temos de melhorar o acolhimento à porta da Igreja, mas também antes e depois das celebrações. Precisamos de aprender a acolher melhor quem chega e pretende integrar-se num grupo, de modo a não se sentir ignorado, acabando por sair desiludido ou escandalizado. O acolhimento não é apenas uma boa prática de turismo, mas uma exigência evangélica do ser cristão e do viver em missão.
3. ***Um bom acolhimento na secretaria paroquial, com empatia e simpatia, com horários adaptados à realidade e às necessidades, mas com altas expetativas, é a maneira mais respeitosa de corresponder às necessidades das pessoas***, de modo que este acolhimento se faça com ternura e exigência, com abertura e discernimento. Não nos podemos esquecer que a atenção às periferias deve começar por aquelas que nos entram todos os dias pela porta dentro.
4. ***Dar absoluta prioridade ao Domingo e à Eucaristia dominical.* *Despertar a comoção pela beleza da celebração.*** Vai nesse sentido a formação e acompanhamento dos grupos corais, do grupo de leitores e do grupo de acólitos. Há que valorizar o cuidado posto nas homilias preparadas e partilhadas, como momento celebrativo, com palavras que abrasem os corações (cf. EG 135-159) e cheguem ao concreto de todas as pessoas e da pessoa toda.
5. ***Abrir o caminho da beleza no acesso a Deus.*** Estamos convictos *de que* o canto na liturgia é música para a alma. Para proporcionar o encontro com Cristo é preciso tocar o mais profundo da alma e do coração*.* Importa melhorar a presença da Igreja através do diálogo com as artes (teatro, pintura, dança), exposições, debates e parcerias com outras instituições, de modo que também a oferta cultural aproxime pessoas, dialogue com o mundo e abra a todos a via da beleza para o encontro com Deus.
6. ***Uma comunidade verdadeira e familiar, onde há verdadeira fraternidade, clima de festa, alegria do convívio, experiência de comunhão*.** Nesta perspetiva devem ser valorizados os almoços, jantares, festas, convívios e outras iniciativas da comunidade e dos seus grupos e associações e confrarias. Para ampliar a dimensão familiar e missionária da paróquia é preciso ainda aproveitar mais e melhor as possibilidades do mundo digital (site, redes sociais) e melhorar a comunicação com a sociedade e a cultura envolventes. Por que não pensar em criar uma pequena equipa de comunicação e multimédia em cada paróquia?
7. ***Descobrir e promover os talentos de cada um. Aproveitar os pontos fortes. Dar prioridade às pessoas e aos processos e não aos méritos e aos resultados.*** Cada um é um lugar para os outros. Sejamos todos discípulos missionários (cf. EG 119-121). Com os agentes pastorais, com os adolescentes e crismandos apostemos nesta cultura do serviço e do compromisso com a missão da Igreja, não como um adorno, um à parte da vida, uma tarefa voluntária (cf. EG 273), mas como exigência interior e consequência do encontro com Cristo e do seu seguimento na Igreja. Precisamos que os agentes pastorais se tornem discípulos e não associados, missionários e não voluntários, como se a Igreja fosse uma ONG. A promoção de uma cultura vocacional é fundamental, para todas os estados de vida, sem esquecer a urgência no despertar das vocações sacerdotais. Essa intenção deve ser constante na ação pastoral e nos momentos de oração.
8. ***Dar protagonismo aos leigos e superar o clericalismo****.* A comunidade não se torna mais missionária só por ter um Papa atraente ou um pároco zeloso. Uma paróquia viva precisa de leigos comprometidos na sua missão, de verdadeiros interlocutores com as pessoas que vivem na cidade,de autênticos *“vedores” (que fazem descobrir e correr a água viva da presença de Cristo na vida das pessoas),* de grupos de conexão, de redes de ligação*…* onde o pastor não é um gestor, mas um líder animado e animador, com um sonho e uma visão, um líder que não se distingue pelo número de seguidores, mas pela capacidade de formar líderes de pequenos grupos. Quanto maior é a paróquia, mais “*pequena*” tem de se fazer. Deve ir nessa linha a valorização do Conselho Económico e do Conselho Pastoral, a criação de novos grupos de acordo com as necessidades locais. Precisamos de pequenos grupos, que funcionem como células missionárias. Sim. Mas não precisamos de “grupinhos” e muito menos de uma paróquia transformada “*num grupo de eleitos que olham para si mesmos*” (cf. EG 28). É muito importante criar hábitos de programação e avaliação pastorais.
9. ***Converter-se numa Igreja que convida: “Vinde e vede” (Jo 1,39).*** Nenhuma estratégia de missão, nenhuma campanha ou semana missionárias podem substituir a missão assumida por cada um na sua própria terra (cf. EG 273). Que o respeito pela diferença, não nos faça cair na indiferença. Na realidade, se não forem os leigos as suas testemunhas no próprio ambiente, quem o será em vosso lugar? “*O cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo enviado ao mundo. Esta é a missão inadiável de cada comunidade eclesial: receber de Deus e oferecer ao mundo Cristo ressuscitado, para que todas as situações de definhamento e morte se transformem, pelo Espírito, em ocasiões de crescimento e vida*” (Bento XVI, Homilia, 14.05.2010). “*Não se pode deixar estar as coisas como estão*” (EG 27).
10. ***Por último, mas não o menos importante, é assumir o lugar privilegiado dos pobres na comunidade e o imperativo evangélico no cuidado da fragilidade*.** O mundo da pobreza (carência de bens essenciais e materiais) e das novas pobrezas (solidão, doença, luto, separação conjugal, ignorância religiosa, exclusão social, etc.) reclama a atenção de uma comunidade “*pobre de meios, mas rica no amor*”. Os grupos paroquiais ligados à pastoral sociocaritativa não podem ser marginais, na organização pastoral da comunidade, mas parte integrante da missão da Igreja, a quem cabe o serviço da Caridade e não apenas o da Palavra e da Liturgia. Não basta falar de Deus, mas é preciso deixar Deus falar (DCE 31 c), pelo testemunho do amor gratuito. Nisto conhecerão que somos realmente discípulos missionários.

São apenas alguns desafios para a transformação missionária da Paróquia (EG, cap. I), que tomo em primeiro lugar para mim. Que o exemplo de Maria, Senhora da Prontidão (EG 288), nos ajude a sairmos do encontro e ao encontro com Cristo, para nos pormos todos a caminho, e a toda a pressa, porque é hora de assumirmos esta graça maior da Igreja: a de ser uma Igreja que existe para evangelizar (cf. EN 14).

Padre Amaro Gonçalo

**Homilia NO XIV Domingo comum c 2016 [Peregrinação Jubilar**]

*A alegria do Evangelho é a nossa missão. Felizes os misericordiosos!*

Este lema do ano pastoral, que estamos agora a concluir, colhe particular inspiração e aplicação, na Palavra de Deus, que nos é dada a saborear, nesta Eucaristia, [e que constitui a fonte e a meta da nossa peregrinação jubilar]. E podemos resumi-lo em três palavras inseparáveis: ***alegria*, *missão* *e misericórdia***.

***1.*** *Primeira palavra:* ***a alegria do Evangelho****.* Não é a alegria momentânea ou instantânea, que brota de um coração comodista, sem tempo nem lugar para os outros. Não é a alegria dos grandes sucessos mundanos, nem sequer a alegria dos nossos êxitos pastorais. Não. É a alegria do Evangelho, que nasce do encontro com Cristo. E aqui “Evangelho” não designa sequer um livro, de entre os quatro, que abrem o Novo Testamento. Não. «Evangelho» é aqui a “Boa Nova”, a “Boa Notícia” do Amor de Deus, que nos conhece pelo nome, que Se faz próximo de nós, deste Amor que nos precede e nos excede*.* Dirás então: *é um amor tão belo, que, por amor, não o posso calar. Conheci Jesus, descobri o seu amor, experimentei o seu perdão, fui liberto de uma vida aprisionada pelo pecado, pela tristeza, pelo vazio, pelo isolamento… Pois então: é isto mesmo que sou chamado a anunciar, com um rosto transfigurado, um coração recriado, uma vida renovada*.

**2.** E eis-nos já na *segunda palavra:* ***missão,***«a *alegria do Evangelho é a nossa missão*». Diz-nos o Papa: “aquilo *que descobriste, o que te ajuda a viver e te dá esperança, isso é o que deves comunicar aos outros*” (EG, 121). E é, por isso, e necessariamente, uma alegria que se renova e comunica, que se faz «*Evangelho vivo*», que se torna *boa nova* para os outros. E quando esta alegria é estampada no rosto, quando deixa *marcas* na vida, então esta alegria tem um imenso retorno e corre como um rio de paz: «*os setenta e dois discípulos voltaram cheios de alegria*». Somos desafiados, por isso, “*a uma nova etapa evangelizadora, marcada por esta alegria do Evangelho*” (Cf. EG, 1). E esta missão diz respeito a todos os discípulos, a todos os batizados; é missão universal, que nos envia a todos, ao encontro de todos e não apenas daqueles que nos procuram. Esta missão não é, por isso, facultativa, não é uma segunda vocação, um adereço. É *marca de origem* do cristão. Adverte o Papa: “*Não digamos mais que somos «discípulos» e «missionários», mas sempre que somos «discípulos missionários»*” (EG, 120). Pelo que, face às exigências do discípulo e do mundo, só há mesmo uma alternativa: *ou missão ou demissão cristã* (M. Delbrêl)!

**3.** E a *última palavra*, mas não a menos importante, é ***misericórdia:*** indexamos ao lema pastoral, neste Ano da Misericórdia, a bem-aventurança: «*Felizes os misericordiosos*» (Mt 5,7). Mas esta mesma bem-aventurança que proclama «*Felizes os misericordiosos, porque* ***alcançarão*** *misericórdia*», bem poderia dizer «*Felizes os misericordiosos, porque* ***alcançaram*** *misericórdia*». Ou dito de outro modo, “*Felizes os misericordiosos, porque foram «misericordiados*», *alcançados pela misericórdia*”.Olha para ti mesmo, repassa a tua história e conta-a devagarinho e nela verás despertar, mesmo no meio das angústias, uma secreta alegria, e sentirás fluir a paz de Deus, como um rio de misericórdia**.** Verás então quanto foste amado, redimido, recriado, tocado, abraçado, amamentado, transformado pela ternura materna de Deus, que, na sua infinita misericórdia, nunca Se cansa de te perdoar.

[Por isso, simbolicamente, atravessamos a Porta Santa, como quem vai ao encontro da indulgência de Deus, para que Ele nos liberte do peso e da força do pecado, dos escombros e dos efeitos ainda presentes do nosso passado. Graças à indulgência, fazemos a experiência da misericórdia, que nos abre um caminho de alegria, de paz e de confiança no futuro]. Bem vistas as coisas, “*a misericórdia é a verdadeira razão da alegria que o Evangelho suscita em nós*” (PDP, p. 31). Por isso, proclamamos: *A alegria do Evangelho é a nossa missão. Felizes os misericordiosos!*

**Homilia no XIV Domingo Comum C 2013**

1. À dúzia *não* é mais barato! É de graça. E, por graça, a uma dúzia de apóstolos (Lc.9,1-6), juntam-se, agora seis dúzias de discípulos! São enviados pelo Senhor, 72 discípulos, e aos pares, “*a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir*” (Lc.10,1). A notícia a comunicar, com pronta mansidão, alegria e simplicidade de coração é breve: «*Está perto de vós o Reino de Deus*» (Lc.10,9). Como quem diz: «*Deus ama-te! Cristo veio por ti. A tua vida tem sentido. Há para ti, salvação*»! E, isto mesmo dir-se-á, muito mais, pelo modo de ser e pelo estilo de vida do discípulo, do que pela sua arte de pregar ou ensinar. São Francisco de Assis, que escutou estas palavras, e as tomou à letra, dirá aos seus confrades: “*ide e ensinai com o vosso testemunho. E, no caso de ser preciso, direis também alguma palavra*”.

**2.** Todos nós, que somos batizados, ungidos e alimentados na fé, somos, de facto, também “*enviados*”! Todos, apóstolos e discípulos, padres e leigos! Todos fazem falta na Igreja e ninguém é inútil. Aliás, como se poderia levar esta Boa nova da salvação aos lugares, onde o próprio Jesus quer ir e chegar, se cada um dos batizados, não a levar, pelo seu mundo além e de aquém, a começar na sua casa, na sua família, no seu bairro, na sua escola, no seu trabalho, nas suas férias, na sua atividade cívica e política, no vasto mundo dos meios de comunicação, da ciência e da cultura?! E que forma, mais bela, de ir *dois a dois*, *e em missão*, do que aquela do casal cristão, homem e mulher, chamado a ser testemunha do amor de Deus no mundo?! “*Na família, como numa igreja doméstica, devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros arautos da fé*” (LG2). Não, por acaso, Jesus insiste tanto, no primeiro destino e no primeiro destinatário, deste anúncio: precisamente a casa e a família, o lugar mais verdadeiro onde a vida pode ser curada!

3. Meus queridos irmãos e irmãs: Dizia há alguns anos o Cardeal Jorge Bergoglio de Buenos Aires, agora Papa Francisco: “*Não temos o direito de ficar simplesmente a acariciar a alma, de ficarmos fechados no nosso mundinho… pequenino. Não. Não temos esse direito! Temos de sair pelo mundo e contar que há dois mil anos um Homem quis reconstruir o paraíso terrestre e veio para isso mesmo. Temos de o dizer à dona Rosa, que encontramos na varanda. Temos de o dizer aos miúdos, àqueles que já perderam a esperança. Temos de abandonar as nossas cascas e dizer-lhes que Jesus vive, que Jesus vive para cada um de nós, afirmando-o com alegria… mesmo se às vezes nos assemelhamos a loucos (…) Temos, pois, de semear a esperança e sair às ruas. Tal como a dona Rosa, quantos velhos vivem vidas tristes, sem muitas vezes terem dinheiro para comprar medicamentos? Quantos jovens, vivem as suas vidas, atordoados com as drogas e o barulho, porque ninguém lhes disse que havia algo de grandioso, para eles? E nós, vamos ficar em casa, quando toda a gente nos espera?! Não. Não podemos ficar sós, não nos podemos limitar à paróquia ou à Escola. Saiam à rua, a educar, a procurar, a bater às portas, a bater aos corações*” (adapt. JORGE BERGOGLIO-PAPA FRANCISCO, *O Verdadeiro poder é serviço*, Ed. Nascente, Amadora 2013, 22-24).

**4.** E disse ele ainda, numa entrevista: “*É fundamental que nós, católicos – tanto os clérigos como os leigos –, vamos ao encontro das pessoas. A opção básica da Igreja é sair para a rua, à procura das pessoas, conhecê-las pelo seu nome. As pessoas afastam-se quando não são recebidas e reconhecidas nas pequenas coisas, quando não as vamos buscar. Mas também se afastam quando não as fazemos participar da alegria da mensagem evangélica, da felicidade de viver cristãmente*” (Papa Francisco - Conversas com Jorge Bergoglio, Ed. Paulinas, 2013, 77-78.82). Por isso, cheios de alegria, ide, dois a dois, em comunhão, desta Igreja, até ao vosso mundo. E voltai do vosso mundo a esta Igreja. Pois, também na missão de cada cristão, “há *mar e mar, há ir e voltar*”, para quem todos os dias se faz ao mar!

**Homilia no XIV Domingo Comum C 2010**

Uma dúzia de Apóstolos, não é bastante, para deitar mãos à obra e fazer face a tão grande seara! Mesmo mantendo, em campo, e junto de si, o seu núcleo duro, o grupo dos Doze Apóstolos, o Senhor Jesus vê-se na necessidade de multiplicar os seus avançados, designando setenta e dois discípulos, a quem envia em missão! O evangelista diz precisamente que o Senhor os “*enviou dois a dois, à sua frente, a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir*» (Lc.10,1). Permitam-me, a este respeito, três pontos de reflexão:

**1.º. O Senhor designou setenta e dois discípulos e enviou-os dois a dois!** (Lc.10,1)

Faz parte da condição de todo o discípulo, ser enviado por Jesus, em missão! A Missão não é, portanto, exclusiva dos Apóstolos ou dos seus sucessores, com os seus colaboradores: os bispos e padres. Como nos disse o Papa, aqui no Porto: todo «*o cristão é, na Igreja e com a Igreja, um missionário de Cristo, enviado ao mundo*» (Bento XVI, Homilia na Avenida dos Aliados, 14.05.2010). O verdadeiro índice da nossa adesão a Cristo, é este mesmo: uma vez evangelizados, tornarmo-nos evangelizadores!

**2.º. Enviou-os a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir!** (Lc.10,1)

Jesus quer chegar e fazer chegar a sua Boa Nova ao coração de todos! E por isso, envia os discípulos «*a todas as cidades e lugares aonde ele próprio havia de ir*». Estas cidades e lugares, não estão hoje definidos geograficamente, como se houvesse, aqui ou além, uma área exclusiva e reservada à missão. Não. Onde há uma casa, onde há uma família, onde há uma pessoa, onde há um coração, há uma seara, uma há uma terra de missão! Como nos disse o Papa, no Porto: «*realmente aguardam por nós não apenas os povos não cristãos e as terras distantes, mas também os âmbitos sócio-culturais e sobretudo os corações****,*** *que são os verdadeiros destinatários da actividade missionária do povo de Deus*».

De facto, sem a presença activa dos leigos, o Evangelho não pode gravar-se profundamente nos corações, na vida e no trabalho de um povo. Por isso o Papa, vos desafiava com esta pergunta: “*se não fordes vós as suas testemunhas, no vosso próprio ambiente, quem o será em vosso lugar*”?

E no encontro com os Bispos Portugueses, em Fátima, disse Bento XVI: “*Há necessidade de verdadeiras testemunhas de Jesus Cristo, sobretudo nos meios humanos, onde o silêncio da fé é mais amplo e profundo: políticos, intelectuais, profissionais da comunicação que professam e promovem uma proposta cultural que menospreza a dimensão religiosa e contemplativa da vida. Em tais âmbitos, não faltam crentes envergonhados*” (Bento XI, Discurso aos Bispos Portugueses, 13 de Maio 2010). Diríamos, de outro modo: precisamos hoje de cristãos descomplexados e activos, capazes de colocar o fermento, o sal e a luz do evangelho, «nos lugares do vasto e complicado mundo da política, da realidade social e da economia, mas também da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos “mass media”, e ainda outras realidades abertas à evangelização, como são o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento» (E.N. 70, cit. CEP, Carta Pastoral, Para um rosto missionário, 25).

Por sinal, e a confirmar esta urgência da missão, soubemos que, na véspera da Solenidade de São Pedro e São Paulo, o Papa anunciou a criação de um novo ***Conselho Pontifício para a Nova Evangelização***. Este novo organismo da Igreja, tem como tarefa principal promover a renovada evangelização nos Países, onde já ressoou o primeiro anúncio da fé e estão presentes Igrejas de antiga fundação, mas que estão a viver um eclipse do sentido de Deus, e onde se verifica uma grave crise do sentido da fé cristã e da pertença à Igreja. Este é bem e também o caso de Portugal!

***3.º. Dizei-lhes: está perto de vós, o reino de Deus!*** *(Lc.10,9)*

Este é o anúncio, a levar a todos os homens! Não o anúncio de uma ideia ou a mera enunciação de uma mensagem! Mas o testemunho da alegria da presença de Cristo e do encontro com Ele. Mostrai, na alegria da fé, como Cristo vivo e Ressuscitado, é capaz de transformar a vossa vida e de lhe dar um novo horizonte, um rumo decisivo! «*Aquilo que fascina é sobretudo o encontro com pessoas crentes que, pela sua fé, atraem para a graça de Cristo, dando testemunho d’Ele*» (Bento XVI, Discursos aos Bispos, 13.05.2010). O Reino está perto, na própria sede de Deus, que se sente e pressente no homem de hoje! Não deixeis de aí mesmo levar a água viva do Evangelho!

O tempo de pousio e de férias, cá dentro, na seara paroquial, não se destina a fechar o campo de missão, lá fora! Toca a ir e a partir, em missão, daqui e para todos os lugares onde o próprio Jesus havia e gostaria de ir!

**Homilia no XIV Domingo Comum C 2007**

*“Alegrai-vos com Jerusalém, exultai com ela, todos vós que a amais”!*

**1.** Jerusalém aparece-nos desenhada pelo profeta, com o rosto belo e carinhoso de uma Mãe. Neste convite à alegria, dirigido a todos os filhos de Israel, que amavam a cidade santa de Jerusalém, o movimento de regresso a casa é comparável ao de uma criança, que pode saltar, de novo, para o colo de sua mãe e saciar-se, como outrora, com o leite materno, deliciar-se com os seus carinhos, «*no seio da sua magnificência*». Esta bela imagem materna da cidade santa de Jerusalém, coração espiritual do Povo de Deus, foi aplicada, mais tarde, pelo Novo Testamento à Igreja! Ela é justamente chamada a «*Jerusalém do alto e nossa mãe*» (Cat. Ig. Cat. 757).

**2.** Vale, por isso, a pena, redescobrir hoje o rosto materno da Igreja. Ela não é uma “estrutura masculina”, gestora do poder sagrado, nem se reduz a uma instituição de raiz apostólica, comandada por uma dúzia de homens, para a missão. São Paulo, numa carta aos gálatas, comparava os sofrimentos próprios da sua missão apostólica aos de uma mãe, - dizia ele - «por quem sofria de novo as dores de parto, enquanto Cristo não se formar em vós»! (Gál 4, 19). Paulo oferece-nos assim o rosto materno da Igreja de Jesus, que tem a tarefa de fazer nascer Cristo no coração dos Homens.

3. Permiti-me desvelar-vos, por isso, e de maneira simples, o rosto materno da Igreja, nesta sua tríplice missão:

**3.1.** Antes de mais, a Igreja gera Cristo, ao acolher com humildade, ao escutar com fidelidade, e ao anunciar, com alegria, a **Palavra de Deus** (RM 43). De facto, é como Mãe, em primeiro lugar, que a Igreja recebe, no seu seio, a semente da Palavra eterna; ela leva no seu seio todos os povos e dá-os à luz (Paulino de Nola), como filhos de Deus. Ao anunciar a Palavra de Deus, a Igreja dá aos seus filhos palavras de vida eterna; oferece-lhes palavras de consolo, de conforto e de luz, que respondem aos grandes desafios da vida e dão a indicação justa, sobre o caminho a empreender. Ao longo de toda a vida dos crentes, esta Mãe «acompanha os filhos, também nos dias de sofrimento, nas noites escuras da vida; dando-lhes, por meio da Palavra, palavras de consolo, conforto e luz» (Bento XVI). **3.2.** A Igreja gera Cristo também pelos **sacramentos**, que são como que «palavras visíveis» ou «sinais sensíveis» da extraordinária benevolência e da graça de Deus. A Igreja é como que «*o ventre materno dos sacramentos*» (K. Rhaner). Pelos sacramentos, - e recordo apenas alguns - a Igreja é portadora de bênção e exerce a sua missão maternal: **“**Pelo **Baptismo**, a Igreja "gera" filhos e filhas da família humana, para uma vida nova em Cristo” (LG 64); pela **Eucaristia**, a Igreja alimenta os seus filhos, com o corpo e o sangue vivificantes do Senhor; “alimenta-os e presta-lhes todos os cuidados” (Ef.5,29); pela **Reconciliação**, faz brotar do coração a Paz como um rio e consola-os na misericórdia do Pai; pela Unção dos doentes, dá-lhes a cura da alma e do corpo” (Max Thurian). Nos sete sacramentos, está subjacente «o grande mapa da vida» (J. Ratzinger), em que a Mãe Igreja, nos oferece o amor de Deus, também no limiar e no vale escuro da morte. Esta Mãe, põe-nos na companhia desta grande família, que é a Igreja: «uma companhia, absolutamente fiável, que nunca desaparecerá: a família de Deus estará sempre presente e quem pertence a esta família nunca ficará só, terá sempre a amizade certa d'Aquele que é a vida” (Bento XVI).

**3.3.** Por fim, a Igreja gera Cristo, através dos sinais concretos de uma Mãe, a quem não faltam a solicitude, o acolhimento, a paciência e a **perseverança no amor**. À imagem de Maria, «*a Igreja é Mãe, na misericórdia maternal, no serviço generoso, e em tantas outras expressões da gratuidade radiante deste Pai*» (Bruno Forte), que nos ama, com o coração de mãe. Disse São Cipriano, que «ninguém pode ter Deus por Pai, se não tem a Igreja por Mãe»! Que amor materno é este, que a Igreja deve testemunhar? Um amor, que não fica paralisado e distante, à espera do pedido humilhante do filho, mas se antecipa às suas necessidades com prontidão e generosidade; um amor decidido, que não se desculpa, para não agir, de imediato; esta gratuidade radiante do amor do Pai, reflecte-se no jeito materno de um amor feito daquela “atenção ao mínimo pormenor” (C. M. Martini), pois «onde está o amor, está o olhar»; é um amor, capaz de pôr o carinho no dom, isto é, capaz de transmitir a profundidade da vida, através da verdade e da simplicidade do gesto; capaz de estabelecer um vínculo de caridade profunda, luminosa, humilde e discreta; um amor que alcança o outro, no concreto, e lhe transmite não apenas a vida, mas também a alegria e o sentido da mesma vida. Trata-se, pois, no serviço da Igreja, do amor de uma Mãe, que vive a alegria do dar e suscita nos filhos a alegria de receber. Nesta perspectiva, a Igreja não pode deixar de dar primazia à caridade e de subordinar tudo ao amor.

**4. Vós todos que a amais!** Queridos irmãos: para lá, de uma séria revisão de atitudes pessoais e pastorais, que somos todos chamados a fazer, para tornar mais belo o rosto materno da Igreja, recordo-vos, de novo, as palavras iniciais: *“exultai com ela, todos vós que a amais!* Amai a Igreja! Ela, verdadeira Mãe, e só ela, apesar das suas rugas e defeitos, deu-nos Cristo e tudo quanto sabemos e recebemos d´Ele! Neste Domingo, recordo, de coração agradecido a minha consagração à Igreja, aquando da ordenação de diácono, há dezassete anos. Desde então, como agora, amo a Igreja, minha mãe; a ela me agarro, como uma árvore se agarra ao chão! E posso dizer-vos, com toda a alma: «A Igreja arrebatou-me o coração»!

**Homilia no XIV Domingo Comum C 2004**

1. A táctica do Mestre, para apoiar o seu «*Doze*» inicial, já em campo, sem falhas na defesa, nem desperdícios no ataque, é começar por fazer grupos de dois, numa claque de setenta e dois adeptos. Quer dizer, para chegar a todas as cidades e lugares, aonde Ele havia de ir, Jesus recomenda aos discípulos que comecem por «*jogar em casa*», procurando, sempre que possível, e em primeiro lugar, chegar a essa “*grande área*” da vida de cada um, que é a família. Porque é aí afinal que tudo se joga e tudo se decide. Mesmo com cidades a abarrotar de multidões de adeptos, onde a chama da alegria e *da vitória* se propaga bem mais rapidamente, é preciso, ainda assim, acendê-la e fazê-la chegar, em primeiro lugar, à casa de cada um, ao coração de cada família, onde a união e o testemunho dos dois, é essencial à propagação da fé, da esperança e do amor. E se lá houver *gente de Paz*, corações receptivos a aceitar a partilha desta alegria da fé, então sim, o dom da salvação e da Paz, as sementes do diálogo e do perdão, da generosidade e da vocação, da oração e da missão, encontrarão terreno onde crescer. Se não, voltarão à origem, como dons que, de modo algum, se podem deitar a perder.

2. Podíamos deduzir daqui, que a táctica pastoral de Jesus nos sugere em primeiro lugar, a importância da união e do testemunho do *par conjugal*, enviado, graças ao seu Baptismo e Matrimónio, em missão; a par obviamente da relevância da casa ou da «família», como primeiro campo, desse *feliz anúncio*.

A família torna-se o alvo primeiro e principal da Boa-Nova da Paz, porque dela depende tudo o resto, nela está posta a esperança da Igreja e do mundo. É, em casa, na família, que o testemunho da *caridade conjugal* dos pais, se torna sinal e testemunho do amor de Deus, do amor de Cristo à Igreja. É a família, o *grande campo de treinos*, das atitudes e dos valores, da vida em sociedade e em Igreja, em que se exercitam e se capacitam os filhos, para as lutas, combates e compromissos decisivos da vida.

*[Este parágrafo pode omitir-se]*

**[***De facto, -* dizem os Bispos Portugueses *- “A família é o espaço privilegiado de encontro com o amor, o primeiro lugar onde os filhos aprendem e interiorizam os valores perenes. É na família que eles, confrontados com o amor fiel e comprometido dos pais, descobrem o significado do dom generoso da própria vida, da partilha, do serviço, do diálogo, do perdão, da tolerância, da compreensão; é no ambiente familiar que eles, educados pela sensibilidade dos pais, aprendem a escutar e a interiorizar a Palavra de Deus e a responder com generosidade aos desafios de Deus; é na “Igreja doméstica” que eles, educados pela piedade dos pais, aprendem a importância da oração e da confiança incondicional no amor previdente de Deus; é no enquadramento familiar que eles, despertados pela fé e pelo compromisso na Igreja dos pais, tomam consciência da sua fé, do seu baptismo, da sua pertença à Igreja e da sua missão no mundo*» (CEP, *A família*, 54)**]**.

É, por isso, que a *táctica* de Jesus está certa. A vitória da Igreja em campo, na vasta competição do mundo, joga-se afinal *em casa*. Dois a dois, que começam por passar a bola, um ao outro e ensinam assim aos filhos que em nenhuma parte deste mundo alguém ganha ou vence sozinho.

Homilia no XIV Domingo Comum C 2001

1. Setenta e dois discípulos é obra! Sobretudo se a gente recordar o acerto e o aperto “rectificativo” de há oito dias: as duras condições do «*caminho*» e os perigos da aventura! Para quem pediu tanto, sem olhar para trás, é realmente muito discípulo, à frente de Jesus! São três dúzias de pares, o que é uma boa frente de combate! E Jesus bem precisa. Que o terreno está minado. *A seara é grande* e os braços ainda assim são poucos! Não se sabe bem ao certo o sítio donde partem, nem o nome do lugar para onde vão. Simplesmente... que partem de Jesus e a Ele regressam. Vão «*a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir*».

2. Jesus - pelo que se vê - confiou uma missão aos Doze Apóstolos, a quem enviou em seu nome, tornando-os participantes do seu poder e da sua autoridade, na edificação da comunidade, pelo anúncio da Palavra e pela realização dos seus gestos salvadores. Mas, no desejo e no esforço de chegar a todos os lugares e até à casa de cada um, Jesus *designou setenta e dois discípulos*. Para abrir caminho, para lavrar e preparar o terreno da grande sementeira do Evangelho. Jesus não deixa que o discípulo - aquele que O segue - passe ao lado de um mundo «cruel», onde tantas vezes o homem se torna *lobo* do Homem. Jesus envolve e compromete a todos... e mais não são muitos! Porque é preciso chegar e entrar em cada homem, que clama por justiça, que procura a alegria e deseja a paz. É a esse vasto mundo que Jesus quer chegar pelos pés e pelas mãos de cada um dos seus discípulos, o mesmo é dizer, de cada um de nós!

3. Eis porque, em tempo de férias, seria importante pensarmos se temos deitado a mão a ao arado... se temos metido a foice nesta seara *alheia* do mundo, que não nos quer ver nem ouvir... se temos ido aonde Ele vai... ou aonde Jesus gostaria de ir: às famílias, às Escolas, às autarquias, aos hospitais, às reuniões de pais e assembleias do povo, dando a cara... seguindo em frente, abrindo horizontes, rasgando caminhos novos. E, no vasto campo desta «casa» que é nossa, quantos são os fiéis «*desempregados*» a viver do «*rendimento mínimo*» da missa dominical, e a fugir ao trabalho diário da missão: na catequese, na Liturgia, na vida dos pobres, nas famílias, nos jovens, nos doentes... E é tudo tão diferente, quando o Pastor vai a um lugar, onde primeiro estiveram cristãos em diálogo, em oração, em atenção permanente.

4. A Igreja, «nova Jerusalém», bem pode exultar de alegria, neste Domingo. A Diocese do Porto conta a partir de hoje com dez novos presbíteros e dois diáconos. Mas numa diocese com mais de 400 paróquias e com tão poucos padres, se cada um de nós não for à frente, a abrir caminhos e a preparar o terreno, é impossível chegar *aonde Jesus havia de ir*. E o que acontece é vermos os padres mais velhos, cansados, morrerem de pé... como as árvores. E os mais novos, sem leigos empenhados, a correrem o risco de cair de cansaço e não mais se levantarem. É preciso continuar a rezar. A pedir. A implorar do Senhor, porque é d’Ele esta obra. Mas não podemos esquecer, ao levantarmos as nossas mãos para pedirmos «*trabalhadores para a seara*», que isso significa também não ficar de «braços cruzados». *«Alegre-se o vosso coração e retomem vigor os vossos membros. A mão do Senhor manifestar-se àqueles que O servem»* (Is.66,14).

**Homilia no XIV Domingo Comum C 98**

**1.** Uma dúzia é pouco. Os Doze não chegavam a nada. Mais meia dúzia desta dúzia, porque à dúzia, é mais... fácil de lá chegar! E, por isso, em vez de doze, setenta e dois discípulos, enviados em nome de Jesus. A missão não é reservada só aos Doze. Aos que «receberam o ministério apostólico» pela imposição das mãos. A missão é de todos os que, discípulos do Mestre, seguem Jesus, no Caminho. A missão não se destina apenas a alguns. Mas estender-se-á a todos os povos e lugares. É para todos. E os discípulos vão precisamente «à *frente de Jesus, a todas as cidades e lugares aonde Ele próprio haveria de ir*». Não vão, por sua conta. Nem partem em seu nome. Vão «*aonde Jesus deveria ir*». Vão preparar o terreno da sementeira e testemunhar a força e a alegria da semente. A seara é grande. O campo está minado de interesses instalados, de cómoda paz, nada afeito a novas exigências. Não há, portanto, tempo a perder. Nem discursos de circunstância ao chegar. Há que levar a Paz. Ser mensageiros de uma nova ordem, de uma nova criatura, de um Homem novo: Jesus Cristo. E proclamar a alegria da Boa Nova: *está perto de vós o reino de Deus!*

**2.** *A seara é grande*. É grande a paróquia. E são tantos os lugares «*aonde Ele havia de ir*». Desde a Burgada à Baseira. Do Outeiro às Golas. Da Rampa Alta aos Bairros antigos. Das modernas Urbanizações às povoações da beira-rio. E do rio ao ribeiro de São Lázaro. São tantos os espaços físicos e os mundos humanos e desumanos aonde o evangelho deverá chegar. O mundo das Escolas dos vários níveis, que reclama a presença de Cristo e da Igreja, nas aulas e iniciativas da disciplina de Religião e Moral. O «areópago moderno» dos meios de comunicação social, por onde navegam agora as novas caravelas da missão... A cultura viva das artes e tradições, que precisa de ressuscitar em novas linguagens, de sentidos positivos. E, quanto carece de evangelho o mundo juvenil, campo de esperança e, ao mesmo tempo, de tanto sofrimento e desespero. E porque não lembrar as manchas de pobreza escondida, seja a do pão para comer, seja a de um sentido para viver. E são tantos, também os mais velhos e os deficientes - que precisam do conforto desta Jerusalém, desta Igreja-Mãe, desta Casa de Paz...

**3.** Tantos os mundos, aonde a semente do Evangelho, mesmo que um dia, já semeada, não frutifica ainda. Só quando cada um for, é que Cristo irá. E Ele só estará onde cada um estiver. A presença e a força do Evangelho far-se-á sentir hoje onde estiverem os cristãos de sempre. Não para «*vender um produto*» chamado «*evangelho*», mas para propor ao mundo um sentido novo e dizer-lhe que está salvo na Cruz de Cristo. E *dar o corpo ao manifesto*, sabendo que, onde há campo minado, haverá também as marcas da Cruz. É esse o distintivo da nossa, da verdadeira e da fecunda alegria! *Paz e misericórdia para quantos seguirem esta norma*! (Gal.6,16)

**ORAÇÃO DEPOIS DA COMUNHÃO**

Amo a Igreja,

estou com as suas torpezas,

com as suas ternas e formosas coleções de loucos,

com a sua túnica cheia de manchas e pecados.

Amo os seus santos e os seus parvos,

Amo a Igreja, quero estar com ela.

Ó mãe,

de mãos sujas e vestidos gastos,

cansada de nos amamentar

cheia de rugas por dar à luz sem descanso.

Não temas nunca, mãe querida,

que os teus olhos de velha

nos levem a outros portos.

Não foi a beleza que nos fez teus filhos.

Foi o teu sangue derramado.

Cada ruga da tua fronte nos apaixona

e o brilho cansado dos teus olhos atrai-nos para ti.

Hoje, cansados, sujos e com fome,

não esperamos palácios nem banquetes,

mas a tua casa, mãe, com uma pedra para nos sentarmos.

JOSÉ LUÍS MARTÍN DESCALZO,

*Razões para o amor*,

Ed. Missões, Cucujães, 1991, 165-169

1. James Mallon, *Manuel de survie pour les paroisses*. *Pour une conversion pastoral*, Ed. Artège, 2.ª ed., Paris 2015, 103-212; ou James Mallon *, Una renovación divina. De una parroquia de mantenimiento a una parroquia misionera*, E. Bac 2015. Publicado recentemente em Portugal: James Mallon*, Renovação divina. De uma paróquia de manutenção a uma paróquia missionária, Ed*. Paulus, Lisboa 2019*.* Resumido em Juan Pablo Garcia Maestro, *La opción misionera*, Ed. San Pablo, Madrid, 2018, 96-105. Na edição portuguesa os 10 pontos vão da página 95 à página 198. Há um elenco na pág. 71. Podíamos resumir assim:

   1. Prioridade ao Domingo e à Eucaristia dominical. Despertar a comoção pela beleza da celebração. Vencer a cultura minimalista.
   2. Hospitalidade: acolher e alcançar a todos, a começar pelos distantes e estrangeiros. Criar equipas de acolhimento. Começar por acolher bem, nas celebrações.
   3. Música edificante: o canto na liturgia é música para a alma.Tocar o mais profundo da alma e do coração. Conciliar o antigo e o novo. Oferecer beleza. Nota do autor: a renovação da Igreja passa por três agás: “*hospitalidade, hinos e homilias*”…
   4. Homilias fabulosas: as homilias preparadas e partilhadas, como momento celebrativo, com palavras que abrasem os corações (EG 135-159) e cheguem ao concreto de todas as pessoas e da pessoa toda.
   5. Uma comunidade verdadeira e familiar, onde há verdadeira fraternidade, clima de festa, alegria do convívio, experiência de comunhão. É importante cuidar do pré e do pós-missa…
   6. Um bom acolhimento na secretaria paroquial, mas com altas expetativas, é a maneira mais respeitosa de corresponder às necessidades das pessoas.
   7. Descobrir os talentos de cada um. Aproveitar os pontos fortes. Dar prioridade às pessoas e aos processos e não aos resultados. Cada um no seu lugar. Mas todos discípulos missionários (EG 119-121).
   8. Formação de pequenas comunidades. Grupos de conexão, de ligação, de reflexão… onde o pastor não é um gestor, mas um líder animado e animador, com um sonho e uma visão, um líder que não se distingue pelo número de seguidores, mas pela capacidade de formar outros líderes de pequenos grupos.
   9. Experiência do Espírito Santo, que nos santifica e nos anima na missão: “*nenhuma motivação será suficiente se não arde nos corações o fogo do Espírito*” (EG 261). Entusiasmo contagiante e confiante, próprio de um batismo que frutifica num caminho de santidade.
   10. Converter-se numa Igreja que convida: “Vinde e vede” (Jo 1,39).

   [↑](#footnote-ref-1)